

Pesquisa Científica em Administração: uma contribuição aos pesquisadores sobre paradigmas filosóficos positivista, estruturalista e interpretativista

Flávia Frate – Doutoranda em Administração no Programa de Pós-graduação Stricto Sensu no Instituto Presbiteriano Mackenzie (flaviafrate@icloud.com)

RESUMO

O presente ensaio teórico tem como objetivo realizar uma análise em três correntes filosóficas: positivismo, estruturalismo e interpretativismo, e trazer à luz as abordagens voluntaristas e deterministas que podem perpassar, convergindo ou divergindo nessas correntes. O método de realização foi uma breve revisão bibliográfica de cada corrente e abordagem nas literaturas na área da filosofia e teorias das organizações, em obras clássicas. Aproximar uma corrente filosófica a uma das abordagens é possível, e com esse estudo concluiu-se que a corrente positivista é determinista, a corrente interpretativista é voluntarista e a corrente estruturalista se aproxima das duas abordagens. Esse ensaio teórico pode contribuir no entendimento de paradigmas filosóficos de pesquisadores na área das ciências sociais aplicadas, no momento da elaboração de artigos científicos, dissertações e teses.

Palavras chave: Voluntarismo e Determinismo; Positivistas; Estruturalistas; Interpretativistas

INTRODUÇÃO

A pesquisa científica demonstra a orientação filosófica do pesquisador, que pode ser uma ou mais correntes e abordagens filosóficas, pois não existe uma única forma de fazer ciência, mas plurais e diversas. Essa demonstração deve ser percebida pelo leitor da pesquisa.

Assim, para desenvolver ciência, o pesquisador deve compreender uma ou mais correntes e abordagens filosóficas que o orienta. Ocorre que a falta de conhecimento pela não inserção adequada da filosofia na grade curricular dos cursos acadêmicos, como requisito para a realização de pesquisas acadêmicas, são uma das reclamações de alunos que chegam no stricto sensu. Essa é portanto a motivação desse ensaio.

Esse ensaio tem por objetivo contribuir com os pesquisadores nas áreas das ciências sociais aplicadas, e mais especificamente em Administração, para auxiliar na definição de seu paradigma filosófico em dissertações, teses ou artigos, no que tange às correntes filosóficas.

A contribuição desse ensaio é uma pequena parcela da filosofia, ou seja, será debatido as correntes filosóficas: positivista, estruturalista e interpretativista, pois há inúmeras, e trazer à luz as perspectivas das abordagens voluntaristas e deterministas que podem perpassar por essas correntes de forma a convergir ou divergir.

Abordagens como o voluntarismo e determinismo, podem ser analisados isoladamente mas quando concatenados a uma corrente filosófica, reforça-se e ou ampliam-se as possibilidades de ideias e análises.

O voluntarismo se concentra no indivíduo e suas ações como ponto de partida da investigação da ciência social. Por outro lado, o determinismo considera que as restrições contextuais reduzem drasticamente o raio de ação do indivíduo e considera o ambiente como o grande condutor das mudanças ocorridas (BURGEOIS, 1984). Neste contexto, esse ensaio

explora quais as correntes (positivista, estruturalista e interpretativista) vão ao encontro a esses pressupostos. Logicamente, que poderiam ser com quaisquer outras correntes, mas para efeito desse ensaio, as três foram elegidas.

Será realizado uma síntese de cada corrente e uma breve análise sobre qual das abordagens (voluntaristas e deterministas) mais se aproxima em cada uma. Após, uma discussão entre essas correntes já carregadas da respectiva abordagem; na sequência, as considerações finais.

Que este estudo possa colaborar com os pesquisadores na definição do paradigma filosófico em fase de desenvolvimento da ciência nas áreas das ciências sociais aplicadas.

1. DESENVOLVIMENTO

A ciência possui vários conceitos, de acordo com as interpretações de seus pensadores. Isso também acontece com todo aquele pesquisador que pretende realizar ciência ou desenvolver uma pesquisa científica: deve resgatar sua própria interpretação e forma de fazer ciência. O leitor da pesquisa realizada também deve observar o paradigma do pesquisador para compreender o percurso adotado em termos metodológicos. Ao reconhecer a filosofia de um pesquisador em uma obra, provavelmente esse será o encaminhamento em outras obras. Por exemplo, se o pesquisador optar por uma corrente positivista, então haverá uma interpretação da ciência diferente do estruturalista e do interpretativista; assim também se houver uma abordagem voluntarista a interpretação será diferente da determinista.

Será realizado a seguir, uma revisão dos conceitos das abordagens voluntarista e deterministas em suas essências, e das correntes filosóficas positivista, estruturalista e interpretativista.

1.1. Voluntarismo & Determinismo

O Voluntarismo e o Determinismo são abordagens filosóficas que se diferenciam pelas suas concepções em relação às ações dos indivíduos em uma sociedade ou ambiente, ou como observa Hrebiniak & Joyce (1985), tratam da causa e consequência da influencia do ambiente no sujeito, ou a influencia do sujeito no ambiente. Os mesmos autores definem que na orientação voluntarista, os indivíduos e as instituições são agentes autônomos, proativos, que se autodirigem; já na orientação determinista, a direção é determinada pelas estruturas do contexto em que a ação ocorre, ou seja, comportamento individual é regido por meio de um controle macro ou do ambiente onde este ser está inserido.

Fichter (1986) ressalta que “o voluntarismo, em ciência social, denota qualquer teoria que acentue a importância da escolha, decisão, finalidade e norma na ação social” dos indivíduos. O autor acrescenta ainda que as decisões e escolhas dos seres humanos nesse contexto, são pautadas no livre arbítrio, na escolha individual. Já a abordagem determinista considera que existe restrições contextuais que diminuem as ações dos indivíduos, considerando o ambiente o verdadeiro condutor das mudanças ocorridas nas vidas das pessoas e das organizações (BOURGEOIS, 1984).

Dessa forma, pode-se concluir que no determinismo, o homem e suas atuações são determinadas pelo ambiente, e no voluntarismo, o homem é autônomo, com livre escolha. Isso se confirma com a literatura de Wilson (1995) que sustenta os conceitos pela perspectiva corporativa, como por exemplo, as organizações “sofrem” com as mudanças do ambiente, pois

o contexto onde está inserido é resultado de processos políticos; a tensão sistêmica e as normas socioeconômicas (do ambiente) são os determinantes do processo de mudança, entre outras afirmações. O autor não despreza que as habilidades individuais não sejam importantes, mas elas não podem ser consideradas isoladas (autônomas) dos diversos fatores envolvidos no processo de mudança. Isso se reforça quando o autor menciona o fato das características das organizações, que não são determinadas somente pelas aspirações de seus administradores e fundadores, mas também pelas características das mais amplas ligações entre a organização e o ambiente externo. O autor discute a Teoria dos Sistemas Abertos, que analisa a organização como parte interdependente de um todo muito maior, justificando o determinismo.

1.2. Positivismo

A corrente filosófica positivista foi preconizada por Augusto Comte, denominada “positivismo comteano ou originário”, que após realizar inúmeras críticas aos seus antepassados, em como realizavam as investigações e como concebiam a ciência, resolve instituir alguns pressupostos sobre aquilo que ele denominava de verdadeira ciência. Negava os preceitos da “Idade das trevas”; insere no conceito de ciência a ideia da dependência dos termos “progresso” e “ordem” além dos atributos essenciais para esta corrente como: a orientação para a “realidade” e “utilidade”, “certeza e precisão”, “tendência orgânica” e “perspectiva relativista” (GIDDENS, 1998).

Na obra de Giddens (2001), crítico ao positivismo comteano, é mencionado que Comte cria a filosofia positiva em contrapartida à teoria política revolucionária, pois mantinha uma preocupação com o progresso do século XIX, além da crença que passa a ser na fé da ciência e não à teologia e à metafísica. Assim, em Comte, ciência é a única fonte confiável de investigação desde que realizada conforme seus princípios, sem permissão de refutações e sem sofrer variações de acordo com seus intérpretes (LACERDA, 2009).

A abordagem positivista teve alguns desdobramentos, como o chamado “positivismo lógico” do Círculo de Viena, que se diferenciou do positivismo Comteano por oferecer novas propostas epistemológicas, e pretender promover a “purificação” do positivismo comteano, em resposta a repulsa à Metafísica. Outro desdobramento é conhecida como “positivismo crítico”, defendido por Karl Popper, a concepção de que todo o conhecimento é falível, corrigível e virtualmente provisório.

Popper argumentou que a lógica indutivista é falha (utilizada no originário e lógico), pois não é possível justificar enunciados universais a partir de experiências e observações particulares. Popper mostrava-se favorável a metafísica, inclusive atribuía a ela a origem de várias teorias. “Nossas conjecturas são orientadas por fé não científica, metafísica (embora biologicamente explicável), em leis e em regularidades que podemos desvelar” (POPPER, 2007).

Popper não acreditava que existisse um caminho estritamente lógico e racional capaz de levar a formulação de novas teorias, mas estas podiam ter como pontos de partida a imaginação, a intuição e a criatividade.

Outro desdobramento do positivismo é o “pós-positivismo”, marcado pelo pensamento de autores como Thomas Kuhn, Imre Lakatos e Paul Feyerabend que defenderam ideias e pressupostos inaceitáveis na perspectiva do positivismo lógico e originário, além de tecerem críticas ao positivismo crítico, apontando discordâncias ou propondo seu aperfeiçoamento (PÓVOA et al, 2012).

Embora haja os desdobramentos, os acordos e desacordos nas verdades impostas pelos seus preconizadores, alguns pressupostos podem ser destacados como comuns ou convergentes: a objetividade (sujeito que estuda o objeto, imparcialidade); a ausência de influência de crenças do pesquisador; a ciência que deveria ser imparcial; a réplica (sobre o conhecimento ser cumulativo); a ciência deveria ser universal (invariável no tempo e espaço) e a racionalidade (embora mais centrada no desdobramento originário e lógico, e diminui no crítico e no pós-positivismo).

1.2.1. Discussão sobre o Positivismo e as abordagens Voluntarismo e Determinismo

Embora a corrente positivista seja detentora de desdobramentos e com críticas umas às outras, se refutando em algumas de suas verdades, possuem alguns pressupostos semelhantes sobre sua forma de realizar ciência. É no sentido dessas convergências será argumentado sobre o positivismo ser determinista ou voluntarista.

É possível observar que a corrente positivista tende a concretizar as ideias determinísticas e não voluntaristas. A abordagem determinista defende a ideia de que o ser humano está subordinado a causas anteriores ou pré-existentes e está ao encontro com a expectativa positivista, que acredita que tudo pode ser controlado, determinado, pelo fato do aproveitamento dos eventos passados (conceito do progresso).

O positivismo defende o progresso, logo as influências do passado guiam a conduta dos indivíduos, assim como o determinismo aponta em seus pressupostos sobre a não autonomia individual, mas as influências nas conduções de comportamentos. No positivismo, a realidade só existe a partir de fatos que podem ser observados, e sendo verdade apenas aquilo que pode ser empiricamente testado, assim como o determinismo que não aceita o que transcende, mas somente objetividade.

Logo, percebe-se que o voluntarismo neste contexto não tem espaço, por tratar-se de algo inaceitável aos positivistas, exceto aos pós-positivistas que assumem a pressuposição do que é metafísico e ou intrínseco ao ser humano, como comportamentos independentes ao ambiente.

1.3. Estruturalismo

Para compreender a corrente filosófica do estruturalismo, é possível iniciar com a concepção de Talcott Parsons, sociólogo norte americano, que marcou a teoria sociológica nas décadas de 50 e 60 no sec. XX. Próximo ao significado do positivismo, mas considerado estrutural funcionalista (devido ao funcionalismo ser decorrente da abordagem evolucionária, a qual ele também defendia) ele é que passa a estudar as funções de uma sociedade como estruturas, baseado em quatro subsistemas: o cultural, o social, o econômico e o político (SANDERS, 1984). Girola (2010) menciona quatro dimensões para expressar a totalidade da sociedade que não podem ser visualizadas de forma individualizada mas em interação: o sistema social, o sistema cultural (sistema de valores), o organismo humano e a personalidade individual.

É possível compreender que Parsons rompe com o positivismo no momento que ele explica a sociedade por meio de estrutura, sendo não considera visível a metafísica. Sanders (1984) afirma ainda que a sociedade para sobreviver deve funcionar com os seguintes imperativos: i) a adaptação: papel social, o ator consegue produzir recursos para sobrevivência

nos meios sociais, bem como organizações se adaptam às divergências do ambiente em que se encontram; ii) os objetivos: papel dos órgãos governamentais, fixando objetivos e disponibilizando meios legais para gerar cooperação, reforça a coesão social (pode gerar subsistemas sociais); iii) integração: intenções legais ou não legais que obrigam o indivíduo a interagir e integrar o meio social (leis); iv) a latência: sistema de cultura que integra, faz manutenção e muda os indivíduos no meio social (confiança, e valores) (SANDERS, 1984; GIROLA, 2010).

Para Girola (2010), Parsons cria a Teoria da Ação e a Teoria do Sistema Social, sendo a primeira alicerçada em Max Weber e nos pressupostos funcionalistas, onde a sociedade é uma totalidade constituída de partes que encontram-se relacionadas, mas são dependentes (teoria dos sistemas), e se houver uma disfunção em uma das partes, outra é consequentemente atingida. A segunda teoria é composta pelo ator social e o meio ambiente, que juntos estabelecem a “interação social” concedendo sentidos e significados na estrutura (instituições sociais).

Outro nome que reforça a corrente é Pierre Bourdier, que analisa os conflitos e contradições estruturais, além dos modos de dominação, que podem ser as forças estruturais que explicam as mudanças sociais (FIALHO, 2018). Segundo Thiry-Cherques (2006), “Bourdieu segue a tradição de Saussure e de Lévi-Strauss, ao aceitar a existência de estruturas objetivas, independentes da consciência e da vontade dos agentes”, entretanto o mesmo autor explica que Bourdieu diferencia-se quando alega que estas estruturas são provenientes das percepções, dos pensamentos e das ações dos indivíduos que compõe esta estrutura. Bourdieu (1996, apud Thiry-Cherques, 2006) defende que as estruturas devem ser tratadas de forma a “superar a oposição entre o subjetivismo e o objetivismo mediante uma relação suplementar, verticalizada, que medeia entre o sistema de posições objetivos e disposições subjetivas de indivíduos e coletividades”.

Segundo Brulon (2013) Bourdieu apresenta-se como uma alternativa conciliadora e propõe a superar dicotomias como objetividade/subjetividade, ação/estrutura, e indivíduo/sociedade pelo entendimento dos conceitos inseparáveis de campo (associados à ideia de poder ou de dominação - o espaço da “luta” entre dominados e dominantes), capital (diferentes espécies de recursos, trocados entre os indivíduos a partir de diferentes taxas de troca, - as riquezas deste campo, que definem o detentor e os dominados) e *habitus* (hábito, costume, praxe, tradição, constitui a maneira individual de perceber, julgar e valorizar o mundo).

1.3.1. Discussão sobre o Estruturalismo e as abordagens Voluntarismo e Determinismo

A abordagem estruturalista traz uma aproximação do determinismo e do voluntarismo, visto que seus pressupostos valorizam uma interdependência das ações dos indivíduos e do ambiente (igualmente). Ao observar a leitura de Parsons e Bourdieu, fica nítido a “meia distância” do determinismo: a redução objetivista, a negação determinista e a não estabilidade das estruturas, mas a corrente não descarta a existência e a força dessas, sobre os agentes. Fica perceptível também a “meia distância” do voluntarismo, pois diminui-se o subjetivismo e “desconsidera a gênese social das condutas individuais... o estruturalismo, que desconsidera a história e as determinações dos indivíduos” (THIRY-CHERQUES; 2006). Portanto, tanto a abordagem voluntarista quanto determinista estão ao “meio passo” dentro dessa corrente.

Observa-se que a defesa das estruturas não é mecanicista ou determinística, mas flexíveis, pois “reflete o exercício da faculdade de ser condicionável, como capacidade natural de adquirir capacidades não-naturais, arbitrárias” (BOURDIEU; 2001, apud THIRY-CHERQUES, 2006).

Explica-se ainda pelo fato dessa estrutura internalizar a história individual e coletiva. São as rotinas corporais e mentais inconscientes, que nos permitem agir sem pensar”. Tudo isso é o resultado de uma aprendizagem, “um processo do qual já não temos mais consciência e que se expressa por uma atitude “natural” de nos conduzirmos em um determinado meio”. (BOURDIEU; 2001, apud THIRY-CHERQUES, 2006)

O *habitus*, o campo e o capital explica a composição (subsistemas) da sociedade que é um sistema maior, e é orientada por objetivos estabelecidos, que definem suas relações de integração, que as regula e se adapta ao meio ambiente, sendo os valores e as normas a manutenção para esta estrutura sobreviver, na defesa de Bourdie. Logo, não há como tratar de forma somente determinística esta abordagem se priorizar a abordagem bourdiana onde existe o “poder” do *habitus* na condução dessa estrutura social.

Thiry-Cherques (2006) sintetiza que “o *habitus* gera uma lógica, uma racionalidade prática, irreduzível à razão teórica. É adquirido mediante a interação social e, ao mesmo tempo, é o classificador e o organizador desta interação”. Isso equivale dizer que é condicionante e é condicionador das ações; “possuem dinâmica autônoma, isto é, não supõem uma direção consciente nas duas transformações”.

O *Habitus* regem a moral cotidiana, os princípios interiorizados pelo corpo e um modo de pensar específico. Logo, se a “lente” do pesquisador estiver mais alta para esta perspectiva (do *habitus*), então enxergará uma forte abordagem voluntarista, mas se esta “lente” abrir para o campo e o capital, entenderá o “meio passo” determinístico.

1.4. Interpretativismo

A corrente interpretativista surgiu nos anos 20, por meio de estudos que criticavam o positivismo. “Adorno e Habermas foram os precursores desse movimento, argumentando que, para as pesquisas das áreas sociais e humanas, o contexto sócio-histórico é de grande importância...”(WITTKE, 2008). Com isso, inicia-se uma nova forma de explicar a sociedade, onde procura-se compreender que as pessoas envolvidas no processo social, possuem uma consciência que é como uma extensão da experiência subjetiva. Essa corrente é uma análise do processo pelo qual as “múltiplas realidades compartilhadas surgem, se sustentam e se modificam” (BORINI, HOURNEAUX-JUNIOR; 2018).

Nessa abordagem, a sociedade ou o mundo social, possui uma situação ontológica duvidosa segundo Hath e Yanow (2013), já que a realidade social não existe em sentido concreto. Sendo assim, sua compreensão faz-se pela interpretação dos seus atores, utilizando processos subjetivos do conhecimento e do entendimento, visto que tudo depende do sujeito que está agindo, interagindo e interpretando (HATCH; YANOW, 2003).

Considerando que todos e tudo são alvos de interpretação, faz-se necessário um amplo conjunto de métodos e práticas para chegar-se a melhor “apuração da realidade”, utilizando-se, por exemplo, de pesquisa interpretativa com caráter qualitativo, entrevista, pesquisa etnográfica, a observação participante, leitura detalhada de documentos, o estudo de caso, o interacionismo simbólico, a pesquisa fenomenológica e a construtivista, lembrando que o pesquisador nesse caso é também um agente ativo na investigação (WITTKE, 2008; HATCH, YANOW, 2003).

Sendo assim, um aspecto importante nessa abordagem, é a forma como se interpreta, ou seja, como os símbolos de uma sociedade são traduzidos em seus significados. Um significado, ou resultado de uma interpretação é a compreensão das associações de um objeto com outro que pode ser: comportamentos, imagens, organização social, ritual e a percepção do mundo. Os símbolos são policêmicos (múltiplos significados - diferentes para os diferentes autores); são construídos socialmente e são dependentes do contextos (LEITURA OBRIGAHISTÓRIA, 2019).

1.4.1. Discussão sobre o Interpretativismo e as abordagens Voluntarismo e Determinismo

A corrente interpretativista possui forte convergência ao voluntarismo, distanciando-se muito da abordagem determinista. Observa-se pela forte orientação em compreender o comportamento humano na sociedade, suas experiências, expectativas, o que tudo isso significa e simboliza; a partir disso, busca-se interpretar os valores compartilhados subjetivamente (BORINI, HOURNEAUX-JUNIOR; 2018).

O voluntarismo, significa que cada indivíduo adota suas escolhas individuais (FICHTER, 1986), ou as pessoas exercem um papel ativo; isso pode ser entendido como suas próprias crenças, atitudes e vontades (por exemplo) que implicam no ambiente onde estão inseridos. Isso está totalmente ao encontro do interpretativismo, onde a verdade não é única mas como um ponto de vista individual.

Uma pessoa interpreta a verdade de acordo com suas experiências de vida, como “uma lente”, que cada um possui. Cada um faz a sua própria versão da realidade. Isso ocorre pois a realidade de cada um é influenciada por questões socioculturais, econômicas, políticas, familiares etc. A cultura por exemplo, é como uma teia de significados compartilhados pelos indivíduos que a compõe.

2. CONCLUSÕES

A corrente positivista reforça a abordagem determinista, pois ambas consideram que os indivíduos estão condicionados pelas circunstâncias do meio em que vive (BORINI; HOURNEAUX-JUNIOR, 2018), mas não somente isso, acreditam na objetividade, na direção que deve ser determinada pelas estruturas do contexto em que a ação se ocorre, observando sempre naquilo que é palpável, real ou “no que estou vendo”.

No positivismo há uma orientação para o progresso, logo, sempre há um apoio de uma estrutura passada, ao encontro do que prediz o determinismo sobre o comportamento individual em ser regido por meio de um controle macro ou do ambiente onde este ser está inserido. Um pouco distante dessas afirmações, ocorre no estruturalismo, mas mais distante no interpretativismo, que possuem vieses com a abordagem voluntarista.

Na visão voluntarista o homem exerce um papel mais criativo, ou seja, ele é o criador do seu ambiente em vez de ser controlado (BORINI; HOURNEAUX-JUNIOR, 2018). O estruturalismo permite esta ação, quando respeita o *habitus* e o campo dos indivíduos em uma sociedade, logo não conseguiria sustentar uma abordagem determinista (somente), embora haja outros autores estruturalistas que não aceitam a abordagem de Bourdie, sobre as estruturas serem provenientes das percepções, dos pensamentos e das ações dos indivíduos que a compõe (Bourdieu; 1996, apud Thiry-Cherques;2006).

O interpretativismo analisa a sociedade e o ambiente com o foco nas interações entre indivíduos, e os seus valores compartilhados. Para os positivistas, moral e valores são vistos como emocionais e carecem de ciência (HATCH; YANOW, 2003), impedindo qualquer interpretação.

O fato do estruturalismo estar categorizado na mesma abordagem voluntarista que o interpretativismo, não os coloca em igualdade. O interpretativismo é uma alternativa possível à corrente estruturalista.

A corrente interpretativista rejeita sistemas únicos ou grandes narrativas típicas do pensamento estruturalista, pois valorizam as visões locais, dos nativos, ao invés dos pensamentos universais.

Em suma, o positivismo (reduzido aos pressupostos semelhantes) pode ser classificado convergente a abordagem determinística; o estruturalismo convergirá em ambas abordagens (determinista e voluntarista) e o interpretativismo, convergente ao voluntarismo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse ensaio, foi permitido uma visão generalizada das correntes filosóficas positivista, estruturalista e interpretativista em convergência ou divergência com as abordagens determinista e voluntarista. Objetivando passar ao leitor uma análise dessas relações, é possível considerar que o próprio leitor tenha um “olhar” próprio dessa análise, pois considerando um posicionamento interpretativista, tudo dependerá da acreditação ou “o olhar” do investigador.

Pode ocorrer que o próprio pesquisador possua uma orientação voluntarista, acreditando que as relações no nível micro, entre os indivíduos ou instituições de uma sociedade são valorizadas, e devem ser analisadas considerando os atos voluntários, o respeito aos direitos como a autonomia, a liberdade, as vontades de cada um e suas interações com os outros e com o ambiente. Pode ocorrer que o pesquisador tenha uma orientação mais determinista, valorizando a estrutura macro que domina o micro.

O voluntarismo se concentra no indivíduo e suas ações como ponto de partida da investigação da ciência social. Por outro lado, o determinismo considera que as restrições contextuais reduzem drasticamente o raio de ação de quem toma das decisões e considera o ambiente como o grande condutor das mudanças ocorridas (BURGEOIS, 1984).

Pode ser que nesse atual momento há uma propensão ao voluntarismo, entretanto as forças macro ainda detém ou reduz a ação do pesquisador (segura o avanço). O que impede, portanto, de avançar com intenções voluntaristas é o macro ambiente, com a força do determinismo, impondo um senso que muitas vezes o pesquisador não acredita.

É possível transpor essas abordagens para uma ótica empresarial, visto que esse ensaio seja inicialmente indicada a pesquisadores da área de Administração: segundo Cunha (1996), visão voluntarista também é antagônica ao determinismo, formada por um conjunto de perspectivas e tratam os padrões de mudança das organizações como consequência das respostas dos executivos às mudanças ambientais.

O executivo, sendo possuidor de uma corrente filosófica, escolhe o conceito estratégico, dentro de suas perspectivas; compartilham da ideia de que existe um espaço de decisão no qual é possível escolher a estratégia, que definirá os rumos da organização, e que o ambiente, apesar de funcionar como uma restrição, não elimina este espaço.

Nessa perspectiva o administrador assume um papel de extrema importância para a sobrevivência e eficácia da organização e é considerado como um modelador da cultura

organizacional, pois “...selecionam, adotam ou descartam componentes estruturais, com o objetivo de manter o equilíbrio da organização com o seu ambiente” (HUBNER; SAUSEN, 2012).

A abordagem determinista considera a mudança organizacional como um fenômeno emergente das influências do ambiente, como ação reagente, de adaptação. As decisões das organizações e seus objetivos são dependentes do suporte socialmente construído, da legitimidade institucional e de suas propostas (MACHADO-DA-SILVA et al, 1999). Assim, a abordagem voluntarista, embora possa ser um paradigma comum do administrador, do executivo ou do empreendedor, sendo qual for a corrente assumida, esse pode estar podado pelo ambiente determinístico a qual pertence.

Logo, após observar as duas abordagens e as correntes filosóficas, percebe-se como é possível um pesquisador ou administrador adotar um argumento ou outro para concluir suas decisões de pesquisa ou práticas empresariais.

Esse ensaio cumpre o objetivo de analisar as correntes e as convergências e divergências às abordagens voluntaristas e deterministas, para apoiar pesquisadores como administradores de empresas de formação acadêmica ou não. Que possa haver mais análises, com outras correntes e trazer mais debates e reflexões aos pesquisadores para a composição de suas investigações, nas áreas das ciências sociais.

4. REFERÊNCIAS

ALMANAQUE LITERÁRIO. **O que é o positivismo e o determinismo**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://almanaqueliterario.com/positivismo-e-determinismo-na-critica-literaria>. Acesso em: maio/2019.

BORINI, F.M.; HOURNEAUX-JUNIOR, F. Aula 4 EAD de **Metodologia de Pesquisa**. São Paulo, 2018. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4274383/mod_resource/content/1/EAD%205822%202018%20Aula%204.pdf. Acesso em: maio/2019.

BRULON, V. **Transpondo Bourdieu para as Organizações: um Convite à Sociologia Reflexiva em Estudos Organizacionais**. XXXVIII Encontro ANPAD, 2013.

BURGEOIS, L.J. **Strategic management and determinism**. Academy of Management Review, 9 , p. 586-596, 1984.

CUNHA, C.J.C.A. **Adaptação estratégica organizacional em ambiente turbulento**. Tese apresentada para Concurso de Professor Titular, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil. 1996.

FIALHO, S. Slides da Apresentação do tema: "**Paradigmas na Teoria das Organizações**", 2018. Disponível em: <https://slideplayer.com.br/slide/12325878/>. Acesso em abril/2019.

FICHTER, J.H. **Dicionário de Ciências Sociais**, MEC, Rio de Janeiro, p. 1301, 1986.

GIDDENS, A. **Comte, Popper e o Positivismo**. In : Anthony Giddens. Política, Sociologia e Teoria Social. São Paulo : UNESP. 1998.

GIDDENS, A . **Augusto Comte e o Positivismo**. In : Anthony Giddens. Em defesa da Sociologia. Ensaios, interpretações e réplicas. São Paulo: UNESP. 2001.

GIROLA, L. **Talcott Parsons: a propósito de la evolución social**. Sociológica, vol. 25, no 72, 2010.

HATCH, M. J.; YANOW, D. **Organization theory as an interpretative science**. IN: TSOUKAS, H.; KNUDSEN, C. (Eds.) The Oxford Handbook of Organization Theory. Oxford: Oxford University Press, p.63-87, 2003.

HREBINIAK, L. G.; JOYCE, W. F. **Organizational adaptation: strategic choice and environmental determinism**. Administrative Science Quarterly, 30, p.336-349, 1985.

HUBNER, C. M.; SAUSEN, J. O. **O processo de mudança e adaptação estratégica em uma sociedade cooperativa de serviços médicos: o caso da Unimed Noroeste/RS**. In: LAIMER, C. G. (Org.). Gestão das organizações. 2. ed. Florianópolis: Conceito, v. 1, p. 1-262, 2012.

LACERDA, G. B. **Augusto Comte e o “ Positivismo Redescobertos”**. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 17, n. 34, p. 319-343, 2009

LEITURA OBRIGAHISTÓRIA. Vídeo aula: **Antropologia Interpretativista**, 2019.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BgJu5RyJd0g>. Acesso em abril/2019.

MACHADO-DA-SILVA, C. L.; FONSECA, V. S. DA; FERNANDES, B. H. R. **Mudança e estratégia nas organizações: perspectivas cognitiva e institucional**. In: VIEIRA, M. M. F.; OLIVEIRA, L. M. B. DE (Orgs.). Administração contemporânea: perspectivas estratégicas. São Paulo: Atlas, 1999.

POPPER, K. **A Lógica da Pesquisa Científica**. Cultrix. São Paulo, 2007

PÓVOA, A. C. S.; GOUVEA, R. Q.; BATAGLIA, W.; TEIXEIRA, M. L. M. **Paradigma Positivista: As Diferentes Faces de um Ilustre Desconhecido**. EnEO, Curitiba, 2012.

SANDER, B. **Perspectivas analíticas na pedagogia e na administração da educação**. São Paulo: Pioneira, p. 24, 1984.

THIRY-CHERQUES, H.R. **Pierre Bourdieu: a teoria na prática**. RAP Rio de Janeiro 40(1):27-55, 2006

WILSON, D. C. **A strategy of change**. Great Britain: Routledge, 1995.

WITTKÉ, I.C. BORTONI-RICARDO, S. M.. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198463982010000300016. Acesso em maio/2019.